

RELATO DE EXPERIÊNCIA IDENTIFICADO

"EU NÃO VOU TRABALHAR COM ISSO": OFICINAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

"I WON'T WORK WITH THAT": WORKSHOPS ON GENDER AND SEXUALITY IN PSYCHOLOGY TRAINING

Ludimylla Oliveira de Andrade Gouvêa¹. Patrícia Castro de Oliveira e Silva².

1. Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Unigranrio | Afya, Campus Barra da Tijuca.

2. Docente do curso de Psicologia da Universidade Unigranrio | Afya, Campus Barra da Tijuca. Autora correspondente: patricia.castro@afya.com.br.

Eixo Temático: 05

RESUMO

Este trabalho relata a experiência de oficinas sobre gênero e sexualidade realizadas com turmas do curso de Psicologia de uma universidade privada do Rio de Janeiro, em 3 campi e em diferentes períodos da graduação. A ação integrou uma pesquisa-intervenção cartográfica mais ampla sobre Direitos Humanos na formação em Psicologia, desenvolvida entre 2022 e 2025. Foram realizadas 12 oficinas, planejadas coletivamente entre a coordenadora e pesquisadoras(es) de iniciação científica, utilizando dinâmicas, arte, estudos de caso e slides como recursos participativos. As oficinas permitiram desmontar mitos e desinformações sobre identidade de gênero e orientação sexual, revelando confusão recorrente entre esses dois conceitos entre estudantes de todos os períodos. Um episódio em especial, no qual duas alunas dos períodos finais deixaram a sala afirmando que não trabalhariam com o tema, funcionou como analisador da resistência inicial mais forte observada justamente nas turmas mais próximas da formatura. O trabalho reforça a importância de sensibilizar futuras(os) psicólogas(os) para o primeiro princípio fundamental do Código de Ética, que prevê a promoção, defesa e garantia de Direitos Humanos.

Palavras-chave: Identidade de gênero. Sexualidade. Educação superior. Psicologia. Minorias sexuais e de gênero.

ABSTRACT

This paper reports on the experience of workshops on gender and sexuality conducted with Psychology undergraduate classes at a private university in Rio de Janeiro, across 3 campuses and different stages of the program. The action was part of a broader cartographic research-intervention on Human Rights in Psychology training, developed between 2022 and 2025. Twelve workshops were held, collectively planned by the coordinator and undergraduate research students, using dynamics, art, case studies and slides as participatory resources. The workshops helped dismantle myths and misinformation about gender identity and sexual orientation, revealing recurring confusion between these two concepts among students at every stage of the program. One particular episode, in which two students in the final semesters left the room stating they would not work with the topic, worked as an analyzer of the stronger initial resistance observed precisely among the classes closest to graduation. The paper reinforces the importance of sensitizing future psychologists to the first fundamental principle of the Code of Ethics, which establishes the promotion, defense and guarantee of Human Rights.

Keywords: Gender identity. Sexuality. Education, higher. Psychology. Sexual and gender minorities.

INTRODUÇÃO

Gênero e sexualidade são aspectos indissociáveis da subjetividade, sendo fundamental que a formação em Psicologia se dedique ao estudo e ensino desses temas em sua relação com a vida cotidiana e com a saúde mental das pessoas. Identidade de gênero e orientação sexual têm sido, no Brasil, motivo de grande adoecimento psíquico e morte das populações LGBTQIAPN+. A sigla, muitas vezes desqualificada como um “monte de letrinhas desnecessárias”, representa pessoas de carne e osso, vulnerabilizadas por uma sociedade extremamente violenta com a diferença e com populações minorizadas.

O Brasil segue pelo 17º ano encabeçando a lista de país que mais mata pessoas trans no mundo, sendo também o país com o maior número de mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+ de modo amplo¹. O relatório anual do Grupo Gay da Bahia mostra que, em 2025, ocorreram 257 mortes, uma média de uma morte a cada 34 horas, das quais o suicídio representou 8% do total, ainda que se saiba que esses dados são subnotificados².

Diante desse cenário, e entendendo que nossa subjetividade se constitui na cisheteronormatividade, não é incomum reproduzirmos opressão contra grupos minorizados como a população LGBTQIAPN+. Por isso são importantes iniciativas de sensibilização e capacitação, especialmente de futuras(os) psicólogas(os), cuja profissão tem como princípio ético fundamental a promoção, defesa e garantia de Direitos Humanos³.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A pesquisa-intervenção adotou a cartografia como método, entrando no campo pelo meio, somando-se a processos em curso e criando vínculos e afecções com a multiplicidade e a diferença do território pesquisado. As oficinas foram utilizadas como técnica participativa para provocar a desnaturalização de processos LGBTQIAPN+fóbicos. Foram realizadas 12 oficinas, com turmas desde os primeiros até os últimos períodos, em 3 campi diferentes da mesma universidade. Cada oficina durava em torno de 2 horas e era planejada coletivamente entre a coordenadora e 20 pesquisadoras(es) de iniciação científica, alunas(os) do 7º ao 10º período, utilizando dinâmicas, arte, estudos de caso e slides como recursos.

Não era incomum haver caretas de insatisfação, cochichos e risinhos logo no primeiro slide de apresentação do tema. Em uma turma dos períodos finais, duas alunas se levantaram, pegaram suas bolsas e disseram à equipe: “nós não vamos ficar porque nós não vamos trabalhar com isso”, saindo antes que a equipe pudesse aprofundar a pergunta “com isso o quê?”. De modo geral, as oficinas conseguiam desmontar mitos e desinformações, como associar orientação sexual a uma violência sexual sofrida na infância ou tratá-la como escolha, e expressões violentas, como chamar de homem uma mulher trans.

Dois achados se destacaram ao longo do processo. O primeiro foi a falta de conhecimento e a confusão recorrente, em turmas de todos os períodos, entre identidade de gênero e orientação sexual. O segundo foi que as turmas dos períodos finais eram justamente as que mais resistiam inicialmente à temática, o que levantou a hipótese de que essas(es) estudantes tiveram menos contato prévio com o assunto ao longo da formação, ou de que, ao final do curso, se cristaliza a sensação de que novos saberes já não seriam necessários, associada a uma fantasia idealizada de paciente ou público-alvo onde não caberia a população LGBTQIAPN+.

CONCLUSÃO

As oficinas realizadas demonstraram a necessidade de continuidade de investimento na temática de gênero e sexualidade ao longo de toda a formação em Psicologia, e não apenas em seus períodos iniciais. Por outro lado, mostraram-se eficazes para sanar dúvidas, desmistificar aspectos dessa dimensão da subjetividade e reforçar que toda(o) psicóloga(o) precisa conhecer e saber distinguir esses conceitos.

Mais do que isso, a experiência sensibilizou e capacitou discentes sobre o primeiro princípio fundamental do Código de Ética e sobre o atendimento acolhedor e respeitoso à população LGBTQIAPN+, reforçando que, ao trabalharem com gente, futuras(os) psicólogas(os) vão necessariamente trabalhar com gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. TGEU. Trans Murder Monitoring 2025 [Internet]. Berlim: TGEU; 2025 [citado 2026 ago 21]. Disponível em: <https://tgeu.org/trans-murder-monitoring-2025-reveals-new-trend-in-anti-trans-violence-systematic-targeting-of-activists-and-movement-leaders/>
2. Grupo Gay da Bahia. Mortes Violentas de LGBT+ 2025 [Internet]. Salvador: GGB; 2026 [citado 2026 ago 21]. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/257-mortes-violentas-237homicidios-e-20-suicidios/>
3. Conselho Federal de Psicologia. Resolução CFP nº 010/05: aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília: CFP; 2005.